

Fruto coletivo

Exposição na Cerrado Galeria reúne obra de 16 artistas que participaram de residência do ateliê Vilarejo 21

Nahima Maciel

Mancha pode ter uma quantidade grande de definições nas artes visuais e é em torno dessa ideia que os 16 artistas de exposição em cartaz na Cerrado Galeria trabalharam. Com curadoria de Ralph Gehre, a mostra é fruto de uma residência realizada este ano pelos artistas no espaço Vilarejo 21. Eles trabalharam em conjunto, coletivamente, no ateliê durante a residência, mas também individualmente para produzir as obras expostas.

Gehre explica que uma das estratégias do programa do Vilarejo 21 é estimular a troca entre os artistas, mas também expô-los ao mercado, por isso é importante a exposição ser realizada em uma galeria comercial.

SERVIÇO

Mancha

Curadoria: Ralph Gehre. Com obras de Adriana Marques, Altimar Rocha, Camo, Creuza Nery, Daisy Barros, Daniel Lopes, Fabiana Barbosa, Gabriela Waihrich, Maria Angela Cappucci, Maria Marra, Paula Calderón, Rosana Basile, Sandra Crivellaro, Triz de Oliveira Paiva, Vânia Ladeira e Waldeci Maia Straiotto. Visitação até 27 de julho, de segunda a sexta, de 10h às 19h, sábado, de 10h às 13h, na Cerrado Galeria (SHIS QI 05, Bloco C, sobreloja)

“A residência tem essa ideia que é encerrar a residência levando o trabalho para dentro da estrutura de mercado formal”, explica o curador.

Entre os artistas que participam da exposição

DIVULGAÇÃO



Obra de Adriana Marques na mostra coletiva *Mancha*

estão nomes como Paula Calderón, Maria Marra, Vânia Ladeira, Altimar Rocha, Camo, Adriana Marques, Sandra Crivellaro, Triz de Oliveira e Daniel Lopes. “Fiz um acompanhamento curatorial com eles ao longo do processo, conversamos, vimos a produção e fiz uma seleção de trabalhos desse processo”, explica Gehre. Os

artistas vêm de formação diferentes e têm interesses bastante diversos, mas a residência propõe um tema comum para a pesquisa. “Nesse caso o assunto é mancha, em todos os sentidos, desde a mancha muito espontânea, ocasional, incontrolável, até a mancha reconstruída, ou a ideia de mancha”, avisa o curador.

Uma história da Amazônia

A fotógrafa Regina Santos passou mais de três décadas fotografando a Amazônia. Mudou-se para Alter do Chão quando a cidade era praticamente desconhecida e fez da região uma fonte de um material fotográfico que agora ganha exposição em uma homenagem póstuma no Teatro dos Bancários. Com curadoria de Tina Coelho, *Amazônidas* reúne 26 fotografias realizadas por Regina nos últimos 35 anos.

Imagens do ritual do

REGINA SANTOS



Regina Santos passou anos fotografando a região

kuarup feitas há quase 30 anos, da reserva Chico Mendes e das populações ribeirinhas, da floresta e das casas de seus habitantes

revelam a curiosidade de Regina, que morreu este ano, pelos detalhes e pela maneira como as pessoas vivem nessas regiões. “Essa

SERVIÇO

Amazônidas

Exposição de Regina Santos. Visitação até 7 de julho, de segunda a sexta, das 9h às 21h, e sábado e domingo, das 18h às 21h, no Foyer do Teatro dos Bancários (EQS 314/315)

exposição também é um passeio pelo tempo da fotografia, porque vai desde o arquivo produzido com slide, que não permitia erro, a gente trabalhava cego e não tinha o visionamento anterior e passa pela era dos negativos e do digital nas suas várias modalidades de qualidade”, explica Tina. (N.M)